



SESQUICENTE- NÁRIO DO COMBATE DO RIO PARDO

Claudio Moreira Bento

A República Rio-Grandense constitui a única experiência republicana concreta do País precursora da efetiva Proclamação da República Brasileira. O Combate do Rio Pardo representa sua maior vitória militar.

Neste estudo, o autor propõe-se a reconstituí-lo e analisá-lo à luz das principais fontes de pesquisa histórico-militar disponíveis.

Com ele, A Defesa Nacional reverencia o 15 de Novembro, incluso no bimestre desta edição.

Introdução

Em 30 de abril de 1888, transcorreu o sesquicentenário do Combate do Rio Pardo, por certo, ponto culminante da História Militar da "República Riograndense" (1836-45).

Serviu-lhe de cenário a Coxilha do Barro Vermelho, hoje dentro dos limites urbanos da cidade de Rio Pardo. Ali, republicanos, ao comando do General Bento Manoel Ribeiro, atacaram forças im-

periais em posição defensiva, ao comando do Marechal Sebastião Barreto, filho de Rio Pardo, antigo Comandante-das-Armas da Província, destituído do cargo em 20 de setembro de 1835.

Segundo Ferdinando Foch, "o livro da História Militar é rico em reflexões para alimentar o cérebro de um Exército na paz e melhor prepará-lo para a guerra". O Combate do Rio Pardo, que, pela primeira vez, procuraremos reconstituir e analisar, à luz de alguns ele-

mentos que enformam a Arte Militar (a Arte do Soldado), é rico em lições e reflexões profissionais sob esse enfoque.

Até o presente, as fontes disponíveis, primárias e secundárias, têm sido conflitantes e discordantes, contendo, por vezes, até disparates. O presente ensaio baseou-se no estudo, e interpretação consequente, das principais fontes disponíveis.

O combate em apreço é a maior vitória militar da única experiência republicana concreta que precedeu a efetiva Proclamação da República Brasileira, em cujos alicerces se insere.

Os ideais dos farrapos, depois de dormirem de 1845 a 1870, reacenderam-se e crepitaram forte, até sua concretização, em 15 de novembro de 1889, pela espada do Marechal Deodoro, o que contou com o forte estímulo do jornal A Federação que refletia os ideais e o simbolismo da "República Rio-Grandense", consagrados pela Constituinte do Rio Grande de 1891. Recorde-se que recebera o nome "Clube 20 de Setembro", entidade fundada em São Paulo por estudantes gaúchos, entre os quais Assis Brasil, que então escrevera a segunda História da Revolução Farroupilha, do ponto de vista dos farrapos, glorificando-os e exaltando seu republicanismo.

Situação Geral

Em 20 de setembro de 1835,

estorou a Revolução Farroupilha. A ela aderiram, maciçamente, a Guarda Nacional e a Guarnição do Exército Imperial da Província do Rio Grande do Sul. A Revolução conseguiu, em curto espaço de tempo, seus objetivos: a deposição do Presidente Fernandes Braga e do seu Comandante-das-Armas, Marechal Francisco Sebastião Barreto, comandante imperial do combate aqui focalizado.

A nomeação de novo Presidente, Araújo Ribeiro, trouxe para o lado da legalidade o Coronel Bento Manoel Ribeiro. Isso alterou os rumos da Revolução.

Tendo Araújo Ribeiro assumido a Presidência na cidade de Rio Grande e passado a dominar, de modo incruento, essa posição estratégica, vital para ambos os contendores, os revolucionários concentraram seu esforço a partir de Pelotas, visando a reconquistá-la, enquanto Bento Gonçalves da Silva, líder da revolução, tentava bater Bento Manoel, atuando na Campanha.

Essas manobras desguarneceram Porto Alegre, que voltou para as mãos dos imperiais, em 15 de junho de 1836, em consequência de ousado golpe de mão liderado pelo Major Manoel Marques de Souza, futuro Conde de Porto Alegre. O governo revolucionário civil foi preso e enviado para a fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Os imperiais se fortificaram em Porto Alegre, a qual foi sitiada de 27 de junho a 18 de setembro de

1836. Em 23 de agosto, foi levantado o sítio naval, em Itapoam, e, em 4 de outubro, Bento Gonçalves foi aprisionado na ilha do Fanfa e enviado para o Rio de Janeiro, quando, depois de levantar o 1º sítio de Porto Alegre, marchava para a Campanha.

Nesse quadro adverso, os revolucionários bateram as tropas imperiais, no Seival, berço da República Brasileira, em 10 de outubro de 1836, proclamando a "República Rio-Grandense" no dia seguinte, no campo do Menezes, e instalando-a, em 6 de novembro, em Piratini. Nessa ocasião, Bento Gonçalves foi eleito Presidente da República, mesmo preso no Rio de Janeiro.

Pressionados, os agora republicanos, em 4 de dezembro de 1836, abandonam o Rio Grande do Sul e internam-se no Uruguai, até Bento Manoel prender o Presidente da Província, Marechal Antero Brito, em 28 de março de 1834, no Passo do Itavi, em Alegrete.

Em 8 de abril, os republicanos sitiaram e conquistaram Caçapava e, de 11 de março de 1837 a 13 de fevereiro de 1838, submeteram Porto Alegre ao 2º sítio, que incluiu bombardeios de Artilharia, a partir dos Moinhos de Ventos.

Em 25 de janeiro de 1838, o Presidente da Província e Comandante-das-Armas Marechal Eliziário Miranda Brito empreendeu, a partir de Porto Alegre, uma manobra disbordante, na direção Porto Alegre-Cai-Portão-São Leopoldo-

Gravataí, durante 18 dias, obrigando os republicanos, ao comando do Coronel José Mariano de Mattos, a levantarem o sítio terrestre e se retirarem para Lajes, SC, que conquistaram, então, para os republicanos riograndenses.

Entusiasmado com o sucesso, o Marechal Eliziário atuou sobre Rio Pardo.

Situação Particular

Em 3 de novembro de 1837, o General Antônio Eliziário Miranda Brito assumiu o Comando das Armas e da Província do Rio Grande do Sul em Porto Alegre, sob o 2º sítio republicano. Em 31 de janeiro de 1838, tentou disbordar o sítio republicano, em Viamão, e atacá-lo pela retaguarda. Não conseguiu o ataque, mas obrigou os sitiados a se retirarem para Lajes. Entusiasmado com essa vitória, investiu Rio Pardo, que era defendida pelo General Bento Manoel Ribeiro. A aproximação de Eliziário, Bento Manoel evacuou Rio Pardo e retraiu para os lados do passo Pedrneiras, do rio Jacuí. Isso ocorreu em 17 de março de 1838. Bento Manoel só foi perseguido até Cachoeira do Sul, em razão do mau estado da cavalaria imperial. Eliziário dirigiu-se para Porto Alegre e deixou a praça ao comando do Marechal Sebastião Barreto, coadjuvado pelo bravo Brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, como comandante da Infantaria (1º e 2º BC-Batalhão de Caçadores), e o

oriental Brigadeiro Izaias Bonifácio Calderón, como comandante da Cavalaria (2º e 3º BCGN - Batalhão de Cavalaria da Guarda Nacional) e da Artilharia (8 peças). À disposição de Barreto, ficou o 8º BI (Batalhão de Infantaria) em Taquari, e ao longo do Jacuí, a barca a vapor *A Liberal*, ao comando de Greenfel, e uma esquadrilha de canhoneiras, no Rio Pardo. O Mar Sebastião Barreto ficou ocupando Rio Pardo, que foi atacada pelos republicanos.

A penetração republicana no Quadrilátero do Rio Pardo

O General Bento Manoel, comandante do Exército Republicano, e Netto idealizaram penetrar na área onde se encontrava o Exército Imperial.

David Canabarro foi encarregado da manobra de penetração. Ele transpôs com sucesso o Rio Pardo, abriu picadas na mata e atingiu o Rincão del-Rey, onde passou a dar cobertura para a travessia do restante do Exército Republicano. (ver esboço no fim do artigo).

Segundo Neto, "O Rio Pardo, em ambas as margens, era circundado de pântanos. O terreno atolava excessivamente. Só com extrema dificuldade os animais conseguiram vencê-lo. Além disso, no centro de um mato cerrado, havia um forte arroio com uma barranca bastante alta e profunda. No curto espaço de 10 horas, foi sobre ele construída uma ponte espaçosa,

pela qual passou todo o Exército Republicano".

Andrade Neves, que vigiava o Rincão del-Rey, foi investido por uma guerrilha republicana, e passou a retardá-la, na direção da Coxilha do Barro Vermelho, onde foi acolhido pelo Brigadeiro Xavier da Cunha, à frente do 1º BC e de duas peças de Artilharia. Do Rincão del-Rey, Netto enviou uma força na direção da ponte do Couto, sobre a única comunicação por terra, entre Rio Pardo e Santo Amaro, que foi então cortada.

O Marechal Barreto soubera, certo, da ocupação republicana do Passo do Couto ainda em 27, através de reconhecimento insatisfatório que fizera o Brigadeiro Xavier da Cunha. Possuindo forças superiores para manter a posse da estratégica e vital ponte do Couto, o Brigadeiro Cunha retraiu e tomou a posição na Coxilha do Barro Vermelho, aceitando o fechamento da única via de retirada terrestre, em caso de eventualidade. Os republicanos gradativamente foram interpondo reforços entre os republicanos e a ponte do Couto, e transformando essa área em base de partida para um ataque geral. Ao mesmo tempo, se preveniam para a hipótese de retirada por essa direção, caso a situação no interior do Quadrilátero viesse a se tornar insustentável.

No dia 29, à noite, todo o Exército Republicano, sob armas, estava reunido na baixada entre a Coxilha do Barro Vermelho e a

Ponte do Couto, havendo, atrás dele, uma linha de possível retraimento, livre de interferência imperial.

Na margem direita do rio Jacuí, ficou o Coronel Leão, para dar o sinal, se os imperiais tentassem repassar o Jacuí sem oferecer combate, e bloquear, com tiros de atiradores de escol, o porto do Rio Pardo.

Forças em Presença

Republicanos — Estima-se as tropas republicanas, vindas de diversos lugares da Campanha, em cerca de 2.800 (segundo Caldeira).

Segundo o cronista Caldeira, que participou do combate como porta-estandarte do 1º Corpo de Lanceiros Negros, “o plano do ataque do Rio Pardo foi tão bem combinado que, três dias antes dele, todas as forças republicanas já se haviam reunido para atacar o inimigo, que estava a espera, em posição muito vantajosa”, na Coxilha do Barro Vermelho, hoje parte da cidade do Rio Pardo e distante meia légua de seu centro.

Imperiais — O efetivo imperial no Rio Pardo, 14 dias antes do combate, era de 1.546, dos quais 886 infantes, 552 cavalarianos da Guarda Nacional e 99 artilheiros. Barreto dá como cerca de 1.000 os que participaram no combate e Araripe como 1.200 os combatentes imperiais.

Dispositivo para o combate
(Acompanhar pelo esboço, no fim do artigo)

Imperiais — Tomaram posição dominante na Coxilha do Barro Vermelho, à frente da confluência das estradas que demandavam a Vila do Rio Pardo. Tendo a Artilharia ao meio, em posição mais dominante, dispuseram a Infantaria desde a Charqueada do Porto até o Açougue. A posição da Infantaria aproveitava dois capões de mato, com um intervalo entre eles de 500m onde foi colocada a Artilharia, com um fosso escavado e com sua frente protegida por 50 infantes. À esquerda dessa posição, ficou o 2º BC (—) ao comando do Coronel Guilherme Lisboa. À direita dessa posição, ficaram duas companhias do 1º BC. As cinco restantes ficaram em reserva, muito próximo da linha de defesa, junto à Artilharia. A partir do Açougue, começava a ala Direita, toda de Cavalaria, ao comando de Calderón, com os 3º e 4º Corpos da Guarda Nacional e o Esquadrão Independente de Ourives. Aí atuou Andrade Neves.

Republicanos — Eles tomaram posição na baixada, entre a ponte do Passo do Couto e a Coxilha do Barro Vermelho, e adotaram original dispositivo, sob o comando geral do General Bento Manoel. Foi o seguinte o dispositivo republicano para o ataque:

Ala Direita — A Divisão de Ca-

valaria, ao comando do Coronel João Antônio da Silveira, flanqueando o reforço de Infantaria dos 1º e 3º Batalhões desta Arma.

Centro — Artilharia republicana, contando com o apoio de alguns pelotões de Caçadores.

Ala Esquerda — 2ª Divisão de Cavalaria, ao comando do Coronel Crescêncio.

Reserva — Ao comando de Netto, integrada por duas brigadas de Cavalaria, dispostas atrás do centro do dispositivo e, em especial, da Artilharia.

Assim, os republicanos lançariam sua direita e centro, à base de Cavalaria, reforçada com Infantaria e Artilharia, contra a esquerda e centro imperial, à base de Infantaria com apoio de Artilharia e tirando partido do terreno dominante.

Contra a Cavalaria imperial, na ala direita, eles lançariam sua maior e mais vantajosa tropa de Cavalaria.

Desenvolvimento do Combate

O Combate teve início por volta das 5,40 horas da manhã e durou cerca de uma hora e vinte minutos, "entre grandes alaridos e toques de clarim", quando 2.800 republicanos das três armas, a partir de posições numa várzea, investiram cerca de 1.000 imperiais das três armas, dispostos em posição elevada na Coxilha do Barro Vermelho, da qual tiraram o máximo partido defensivo.

O combate se resumiu em um ataque geral às alas e o centro imperiais. Houve primeiro o rompimento do Centro, depois de uma inexpressiva reação defensiva em toda a frente.

A iniciativa foi tomada pela ala direita republicana, ao comando do Coronel Silveira, que rompeu fogo sobre a ala esquerda imperial, defendida pelo 2º BC ao comando do valoroso Coronel Guilherme José Lisboa. Este foi atacado pelo 1º BI (Batalhão de Infantaria) republicano, apoiado por dois esquadrões de Cavalaria. A Infantaria Republicana fixou a Infantaria Imperial, fato aproveitado pela Cavalaria Republicana para envolver a Ala Imperial e penetrar até a retaguarda do Centro, depois que este foi rompido por Netto, com a reserva.

Face a essa realidade, alguns integrantes do 2º BC começaram a debandar desordenadamente. Seu comandante, o Coronel Lisboa, formou o quadrado e bateu-se com valor e coragem inauditos. Os republicanos, impressionados, gritavam-lhe: "Rende-te, coronel valente!" E ele respondia várias vezes: "Minha espada não se entrega a rebeldes!" E tombou morto, lutando como um bravo, até o último alento.

No Centro, o General Antônio Netto carregou contra a Artilharia e o 1º BC (reserva) imperial. A Artilharia, protegida por um fosso, conseguiu fazer cerca de quatro a cinco disparos, sendo logo ultra-

passada, envolvida e silenciada por três esquadrões da reserva de Netto. A Artilharia republicana só fez um disparo pois, se insistisse, iria atingir republicanos combatendo no alto da Coxilha do Barro Vermelho.

Neste ponto, o 1º BC se desorganizou e se pôs em fuga, em direção à Vila do Rio Pardo.

Segundo o comandante Cunha, da Infantaria imperial, "o ataque republicano foi iniciado no flanco esquerdo, o qual cedeu e possibilitou a entrada da Cavalaria por sua retaguarda".

No flanco direito imperial, a luta entre as cavalarias imperial e republicana foi mais difícil e demorada. O ataque republicano sofreu um atraso de uns 6 ou 7 minutos, por ter que desfilar ao longo de uma sanga, cuja travessia devia ser feita quase a nado. Enquanto a Divisão Crescêncio desviava a sanga, Canabarro mandou dois meios-esquadrões de "gente muito boa para a guerra". Eles deram uma descarga de clavinote nos imperiais de Calderón. Foi nessa ocasião que o 1º Esquadrão do Corpo de Lanceiros, de Teixeira Nunes, os atacou de flanco. E deu-se disputado entrevero. A Cavalaria foi atacada a espada pela retaguarda, pelo Major Ribeiro e sua gente e pelo Ten Cel Teixeira Nunes, a lança, com seus lanceiros pelo flanco.

O Brigadeiro Calderón resistiu

o quanto pôde. Fez três ataques, sendo que o último para desaferrar. Ao deixar o campo-de-combate, teve que abrir caminho combatendo. Entrincheirou-se atrás de uma porteira, entre o sobrado e a olaria de Joaquim Bento. O acesso à porteira possuía valas de ambos os lados. Assim, cerca de 400 lanceiros negros bem montados, armados de pistola e lança, investiram os 60 imperiais fazendo fogo e os neutralizaram.

O Corpo de Lanceiros Negros avançou até Rio Pardo, onde entrou pela rua da igreja Senhor dos Passos.* Dali, depois de reunir-se ao seu comandante, Teixeira Nunes, ferido a bala no ombro esquerdo, foi até o porto do Rio Pardo, onde não pôde impedir a fuga de Barreto. Do porto marcharam para a ponte, que conquistaram, e onde duas companhias imperiais do 2º BC resistiam bravamente. Teixeira Nunes recebeu ordem de Crescêncio de investir aquela tropa e o fez.

O Marechal Sebastião, vendo o combate perdido, procurou salvar-se. Atravessou um grande fuchinal e foi ter à margem do rio Jacuí, onde penetrou num lanchão que, com outros barcos, fugiam do Rio Pardo. Calderón, ao reconhecer-se derrotado por Barreto, procurou salvar-se, abrindo caminho combatendo entre os republicanos. Foi até o porto e apanhou uma lancha, na qual Barreto embarcou logo

* A Igreja Senhor dos Passos guarda os restos mortais de Andrade Neves.

após. O Brigadeiro Cunha, percebendo a derrota, foi até o porto, onde fez largar, rio abaixo, três lanchões de guerra, duas balsas para cavalos e canoas. Conseguiu recolher cerca de 100 extraviados. Próximo à foz do arroio do Couto, foi bombardeado por duas peças republicanas. Antes, Barreto e Cunha buscaram proteção com Calderón.

Os três Generais, Barreto, Cunha e Calderón, viajaram até Triunfo. Dali, a bordo do barco de guerra, o *Leopoldina*, ao comando do Cap Guilherme Parker, chegaram constrangidos a Porto Alegre onde, mais tarde, seriam submetidos a Conselho de Guerra e absolvidos.

Perdas Imperiais

Segundo Alfredo Varela, o General Antônio Netto mencionou que os imperiais tiveram 370 mortos e 800 presos, inclusive feridos, o que dá um total de 1.170 baixas imperiais, para um efetivo de 1.546 em Rio Pardo. É provável que a realidade se aproxime desta cifra e que somente 376 conseguiram evadir-se do Quadrilátero do Rio Pardo, poucos nos navios de guerra ancorados no porto do Rio Pardo.

Tristão de Araripe, por seu turno, em 1881, mencionou como mortos dois coronéis, cinco alferes e 60 praças e, como prisioneiros, 300 oficiais e mais 100 praças.

Netto referiu-se, também, às baixas, especificando que morre-

ram em combate 370 imperiais, dos quais um coronel (Lisboa), três majores e vinte subalternos, e que se apresentaram presos um coronel, um tenente-coronel, dois majores, 58 oficiais subalternos e mais de 800 soldados.

Embora conflitantes, pelas circunstâncias de o combate vitorioso ter sido travado numa região onde a única possibilidade de retirada era embarcada, as perdas imperiais se explicam em número elevado (cerca de 75%).

Caíram em poder dos republicanos 8 peças de Artilharia, 1.000 armas de Infantaria, 8.000 cartuchos carregados e uma banda de música, chefiada pelo maestro negro Mendanha, futuro autor do Hino Farroupilha.

Os republicanos sofreram 200 baixas, sendo 17 mortes, entre as quais um capitão e dois soldados.

Essa vitória deu um grande alento moral aos republicanos, que submeteram Porto Alegre ao 3º e último sítio, de 15 de junho de 1858 a 8 de dezembro de 1840.

O Marechal Barreto, antigo comandante da 2ª DI, em Passo do Rosário, teve aí o seu Waterloo. O bravo defensor de Porto Alegre, Brigadeiro Cunha, irá encontrar a morte no combate de Santa Vitória, ano seguinte, bem como o Brigadeiro Calderón, em um ataque apoplético, em reconhecimento das margens do Jacuí.

Brilharia a estrela do Major José Joaquim Andrade Neves em nossas lutas externas contra Oribe

e Rosas (1851-52) e contra o Paraguai, quando se consagrou como um dos grandes vultos de todos os tempos da Cavalaria Brasileira.

Os soldados imperiais presos no Rio Pardo eram, em sua maioria, paulistas. Libertados pela República, voltaram para São Paulo, via terrestre (Vacaria-Lajes-Sorocaba). Mais tarde, paulistas integraram divisões, ao comando do Brigadeiro Xavier da Cunha e, depois, de Labatut, contra a República Riograndense.

A Arte Militar republicana no combate do Rio Pardo

No combate do Rio Pardo os republicanos assim observaram os Princípios de Guerra:

— *Objetivo*: Junto com o objetivo, foram definidos ataques simultâneos das alas imperiais, com envolvimento respectivo, acompanhados de uma penetração no centro. Esta foi conseguida de modo pioneiro, rápido e eficaz, com o emprego de reserva.

— *Surpresa*: Não foi caracterizada significativamente, a não ser antes do combate, quando os republicanos se infiltraram no Rincão del-Rey sem serem percebidos e, na primeira oportunidade, cortaram a retirada terrestre imperial para Santo Amaro, via Ponte do Couto. Não houve a surpresa que Alencar Araripe assim referiu em 1881: "Atacaram inesperadamente

o Rio Pardo, do qual se apoderaram, após mortífero combate".

— *Ofensiva*: Pode ser caracterizada pela conquista e manutenção da iniciativa das ações pelos republicanos, até imporem, de modo relâmpago, sua vontade ao adversário. Atacaram em toda a frente, e sempre. Foram ao encontro dos imperiais, Coxilha do Barro Vermelho acima, sendo que, contra a Infantaria e a Artilharia, lançaram a Infantaria mais a Cavalaria. Atacaram sempre a clavinote, a espada e a lança. O número de 370 imperiais mortos atesta o espírito ofensivo dos republicanos, bem como a desorganização geral que promoveram no dispositivo imperial, o qual ruuiu logo ao primeiro combate.

— *Manobra*: Através de movimentos rápidos, seguros e coordenados, os republicanos colocaram seus meios em posição vantajosa em relação aos imperiais. Para apoio ao movimento de penetração no Quadrilátero, construíram até uma ponte. Conseguiram, em pouco tempo, inverter a situação privilegiada imperial, que se pôs em terreno dominante e favorável à Infantaria, a primeira vista inexpugnável. O que caracterizou a manobra foi a simultaneidade dos ataques de desbordamento das alas com a ruptura inicial do centro, a carga da reserva, a base de Cavalaria. Outro momento foi quando Canabarro lançou a tropa de Encruzilhada sobre a Cavalaria Imperial, assegurando, ao Corpo de Lanceiros, ganhos de tempo pa-

ra desviar-se de uma Sanga, a nado, para, em seguida, lançar-se sobre o flanco adversário.

Caracteriza também a manobra a judiciosa combinação de Armas Cavalaria-Infantaria, na ala direita e centro republicano.

— *Massa*: Os republicanos foram mais fortes nos pontos decisivos (a Ala Direita Imperial, à base de Cavalaria) e no Centro, contando com apoio da Reserva. Sobre a ala foi lançada a Divisão de Crescêncio integrada por unidades de escol, afeitas as ações de choque. A 1ª Divisão, integrada pelos legendários e experimentados Crescêncio, Canabarro, Teixeira Nunes e Amaral, por si, caracteriza o princípio da Massa.

— *Economia de Meios*: Consistiu na distribuição judiciosa e compatível dos meios disponíveis entre a ação principal (ala esquerda) e as ações secundárias (Centro e Ala Direita) e a reserva, que foi decisiva para apressar a vitória. À ação Principal foram dados meios suficientes, sob a liderança de chefes de grande valor e experimentados (Canabarro, Crescêncio, Teixeira Nunes e Amaral). As ações secundárias receberam meios compatíveis, com dosagem adequada de Cavalaria mais Infantaria.

— *Segurança*: Caracterizada pelos ataques da esquerda e centro imperiais terem sido executados com apoio de Infantaria, por terem de enfrentar Infantaria em posição defensiva e em terreno dominante.

Outra preocupação de Segurança foi o atacar na direção contrária à da única possibilidade de retraimento terrestre, em caso de insucesso, ou seja, pela ponte do Couto.

A maior caracterização da Segurança foi constituir-se reserva compatível, à base de Cavalaria que, lançada em momento propício, acelerou a vitória. Constituiu Segurança as informações e o reconhecimento que os republicanos fizeram do dispositivo imperial, no Barro Vermelho.

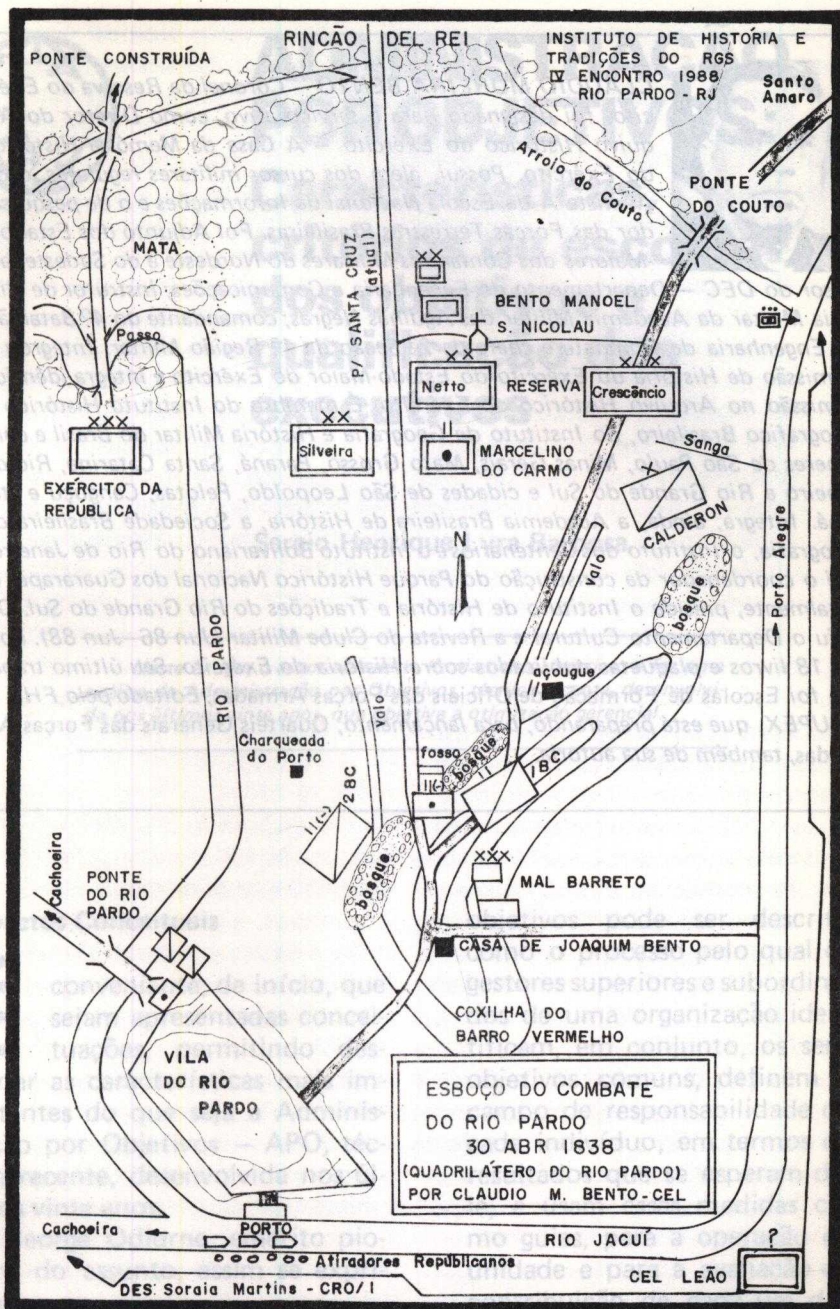
— *Simplicidade*: Conclui-se que a manobra foi simples e transmitida aos executantes com clareza. Cada divisão fez a sua parte com eficiência e eficácia. Foi um ataque em cada ala, concomitante com um ataque decisivo no centro imperial, usando a reserva republicana.

Conclui-se que os executantes entenderam bem as ordens. Viu-se, com frequência, o uso do clarim para ordenar ataques.

— *Unidade de Comando*: Toda a operação subordinou-se a Bento Manoel. A execução da mesma foi descentralizada.

— *Caracterização da Manobra republicana*: A Manobra que culminou com a estrondosa vitória do Rio Pardo foi uma manobra ofensiva do tipo central, na modalidade de penetração, seguido de duplo desbordamento das alas.

As direções do ataque foram divergentes. Sua amplitude foi tática.





CLÁUDIO MOREIRA BENTO — Coronel da Reserva do Exército, foi designado para o serviço ativo, como Diretor do Arquivo Histórico do Exército — A Casa da Memória Histórica do Exército. Possui, além dos cursos militares regulares, o de Analista A da Escola Nacional de Informações e o de pesquisador das Forças Terrestres Brasileiras. Foi Adjunto dos Estados-Maiores dos Comandos Militares do Nordeste e do Sudeste; assessor do DEC — Departamento de Engenharia e Comunicações; Instrutor de História Militar da Academia Militar das Agulhas Negras; comandante do 49º Batalhão de Engenharia de Combate e chefe da 2ª Seção da 1ª Região Militar. Integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército e integra idêntica comissão no Arquivo Histórico do Exército. É membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e congêneres de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul e cidades de São Leopoldo, Pelotas, Canguçu e Itajubá. Integra, ainda, a Academia Brasileira de História, a Sociedade Brasileira de Geografia, o Instituto dos Centenários e o Instituto Bolivariano do Rio de Janeiro. Foi o coordenador da construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes e, atualmente, preside o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. Dirigiu o Departamento Cultural e a Revista do Clube Militar (Jun 86—Jun 88). Possui 18 livros e plaquetas publicados sobre História do Exército. Seu último trabalho foi Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas, Editado pelo FHE — POUPEX, que está preparando, para lançamento, Quartéis Gerais das Forças Armadas, também de sua autoria.